

O Totalitarismo contra a liberdade e a igualdade: uma análise do pensamento político de Hannah Arendt.

DE JESUS, Pablo Henrique¹; **REIS**, Helena Esser dos².

Palavras-chave: totalitarismo, ação e política.

1. INTRODUÇÃO (justificativa e objetivos)

Vivemos em um mundo no qual ao mesmo tempo em que ansiamos por mais liberdade, vivemos à sombra dos regimes totalitários inaugurados no início do século XIX. Pois se é verdade que este ano irá fazer 61 anos que a Alemanha nazista de Hitler ruiu, e mais outros 53 da morte de Stalin e conseqüente destotalitarização da URSS a uma ditadura unipartidária, permanece ainda a verdade que muito das coisas que eles construíram é um legado do mundo atual:

Stalin, como Hitler, morreu sem terminar o horror que havia planejado. E quando isso aconteceu, a história que este livro vai contar e os eventos que procura interpretar e compreender chegaram a um fim pelo menos provisório (ARENDR, 2004, p. 353).

Dessa forma, acreditamos que, bem mais que uma conjectura, é fato a verdade de que para entendermos os caminhos políticos que o mundo ocidental constrói e caminha, nada melhor que repassar a um crivo crítico aqueles já construídos e caminhados. Se tão danosa fora à democracia a estrutura política soviética e nazista, e se hoje em favor da democracia nos empenhamos mais-e-mais, justo será se também nos empenharmos em entender os mecanismos que podem corroer seus alicerces e, como nos mostra a experiência da Alemanha do período entre-guerras, levá-la ao chão por completo. Com isso, nossos objetivos no projeto foram: 1) isolar, dentro da arquitetura totalitária analisada por Arendt em *Origens do Totalitarismo*, quais os mecanismos totalitários que agem no sentido de suprimir os espaços públicos nos quais se manifestam a estrutura dialógica da política e nos quais os homens exercem sua liberdade; 2) entender como estes mecanismos destroem o espaço dialógico da política; 3) em um estado totalitário, compreender como pode se dar a reconstrução dos espaços públicos de atuação política; e 4) procurar expor se, de acordo com o pensamento político de Arendt, poderia haver medidas teórico preventivas contra o obscurantismo totalitarista.

2. METODOLOGIA

Nossa metodologia consistiu em leitura de textos, quer da própria Arendt, quer de comentadores de sua obra; na participação no grupo de pesquisa interinstitucional “Por que defender a democracia?”, coordenado pela orientadora da pesquisa, prof. Dr. Helena Esser dos Reis; em orientações e discussões com a

orientadora; e na elaboração e apresentação, em seminários, de quatro trabalhos que em muito ajudaram na compreensão do pensamento político-filosófico de Hannah Arendt.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O pensamento de Hannah Arendt pode ser dividido em duas partes. De um lado, temos seu pensamento filosófico propriamente dito; de outro, suas missivas análises históricas – que não raro são utilizadas em pesquisas sociológicas e historiográficas. Como pensadora política que sempre foi, e dada sua formação filosófica, fora sua filosofia o centro para o qual convergiram todas as interpretações históricas que fez. Com a principal delas, sua análise sobre o totalitarismo, não foi diferente. Muito embora tenha publicado *Origens do Totalitarismo* – seu primeiro livro – alguns anos antes de *A Condição Humana*, livro no qual pulsa as idéias fundamentais de sua filosofia, Já nas páginas finais do livro sobre os regimes totalitários Hannah Arendt faz referência, às vezes implícita às vezes explicitamente, aos conceitos que irá trabalhar em *A Condição Humana*.

As condições humanas da “ação”, “trabalho” e “labor” são descritas como bases do mundo político. A relevância maior, todavia, é posta totalmente em cima da condição humana da ação, sendo aquelas, embora importantes, secundárias em relação a esta. A ação, por sua vez, está baseada na condição humana da pluralidade, que é o fato de sermos, ao mesmo tempo, todos iguais, já que somos seres humanos, e diferentes, porque cada qual é diferente de todos que já existiram, existam ou venham a existir. A pluralidade humana é marcada pelo nascimento – condição humana da natalidade –, e assim como cada um aporta no mundo como novato e estrangeiro, como ser único e irrepitível, cada um pode também instaurar no mundo, sob a forma de ação, eventos únicos e irrepitíveis; e no momento mesmo que o homem o faz, ele se torna livre, já que agir e ser livre são uma e mesma coisa. A liberdade, para Arendt, significa, portanto, a capacidade humana de desencadear no mundo séries absolutamente novas e inesperadas de eventos – o que é concebido como o “novo” da ação –, à revelia absoluta de qualquer determinação causal. O que os regimes totalitários fazem, em última instância, lançando mão de mecanismos os mais diversos, é castrar a potencialidade humana de engendrar o novo da ação na ordem das coisas do mundo, transformando os homens em meros autômatos de reflexos condicionados. Os mecanismos totalitários que, durante a pesquisa, julgamos mais proeminentes na capacidade de destruturação da liberdade humana foram a burocracia, a ideologia e o terror.

A burocracia era constituída por um corpo administrativo que era formado por um governador e um grupo de peritos – fieis ao governador – preparados para tratar de assuntos públicos. Os burocratas, no intuito de bem exercer a tarefa administrativa, deveriam se furtar totalmente ao mundo público, não deveriam legislar tomando como base as leis escritas ou consensuais, sendo indiferentes a qualquer política definida. A única lei que deveriam seguir era a lei de expansão imperialista que, segundo acreditavam, ditava o necessário rumo que a história humana seguiria. Em virtude disso, A administração burocrática era totalmente velada, e a imagem do burocrata pode ser visualizada naquela do homem que, por trás das cortinas, comanda o espetáculo.

A ideologia é o desenvolvimento, de maneira dedutiva, da lógica de uma idéia, que pretende, a partir de uma premissa embasada em algum evento real e assumida como axiomática, explicar a totalidade do curso da história humana, seja o passado, o presente ou o futuro, e que tenta atribuir à realidade uma coerência lógica de maneira alguma condizente consigo. Como a realidade não é de forma alguma coerente com a precisão lógica da ideologia, os regimes totalitários se serviam do mecanismo do terror para ordenar e conduzir a realidade de modo que ela se encaixasse aos princípios ideológicos. O terror é a própria realização da lei ideológica do movimento totalitário.

4. CONCLUSÃO

Nosso primeiro objetivo no projeto era isolar os mecanismos totalitários que com maior urgência faziam frente aos espaços públicos e à realização da liberdade humana no mundo. De acordo com nossa interpretação, são eles a burocracia, a ideologia e o terror.

O segundo era entender como estes mecanismos destroem o espaço dialógico da política, espaço este no qual se realiza a liberdade. A burocracia o faz porque visa sempre se furtar ao mundo público no qual acontece a liberdade, foge da legalidade baseada na lei positiva escrita e no consenso público, ao mesmo tempo que embasa seus juízos sempre na idéia de expansão típica da Era Imperialista na qual foi concebida. A ideologia, no intuito de prever o futuro, que é assumido como necessário, e interpretar rigorosamente o passado e o presente, se mostra totalmente contrária à idéia de liberdade como uma capacidade humana que possibilita a criação do absolutamente novo. Como a ideologia não pode realizar no mundo tal propósito, lança mão do terror, que, em última instância, castra a liberdade humana em detrimento da realização das máximas ideológicas.

Os dois últimos objetivos, compreender como em um estado totalitário pode se dar a reconstrução dos espaços públicos e verificar se há medidas teórico-preventivas contra a forma de governo totalitária, são irrespondíveis tomando-se como base a filosofia de Hannah Arendt, uma vez que eles requerem uma análise que possa prever os rumos da história humana, coisa que, para Arendt, é absolutamente impossível, em virtude de seu conceito de liberdade ser a capacidade de iniciar, mediante a ação, eventos totalmente novos e imprevisíveis.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDR, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

¹ Bolsista de iniciação científica. Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia – FCHF, pablo_hj@yahoo.com.br

² Orientadora. Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia – FCHF, helenaesser@uol.com.br